

**Ernesto Bozzano**

## **A Alma nos Animais**

Título do original italiano:  
*Animali e Manifestazioni Metapsichici*

Incluindo Apêndice com  
**Relação de obras de Ernesto Bozzano**



## Conteúdo resumido

A literatura registra, ainda que de forma esparsa, diversos casos de fenômenos paranormais envolvendo animais de espécies variadas – em especial cães, cavalos e gatos –, cujas aparições *post-mortem* provocaram espanto e perplexidade.

Nesta obra Ernesto Bozzano apresenta mais de uma centena de casos de fenômenos supranormais, classificando-os conforme o tipo de fenômeno, e baseia-se em uma fundamentação científica para demonstrar a sobrevivência da psique animal em relação à morte do corpo físico, assim como ocorre nos seres humanos.

A sua pesquisa é estruturada em duas grandes diretrizes: a capacidade de clarividência de alguns animais em manifestações de seres desencarnados e os casos de aparição *post-mortem* de fantasmas de animais, percebida por seres humanos e mesmo por animais vivos.

## **Sumário**

Razões para ler Ernesto Bozzano ..... 5

### **Introdução**

As manifestações metapsíquicas e os animais ..... 8

### **Primeira categoria**

Alucinações telepáticas em que o animal é o agente..... 11

### **Segunda categoria**

Alucinações telepáticas em que o animal é o percipiente ..... 45

### **Terceira categoria**

Animal e homem percebem alucinações telepáticas  
coletivamente ..... 49

### **Quarta categoria**

Visões de Espíritos ocorridas sem coincidência telepática e  
percebidas por homens e por animais..... 63

### **Quinta categoria**

Animais e pressentimentos de morte ..... 86

#### **Primeiro subgrupo**

Manifestações de morte percebidas coletivamente por  
homens e por animais ..... 87

#### **Segundo subgrupo**

Aparições de animais sob a forma premonitório-simbólica..... 90

#### **Terceiro subgrupo**

Pressentimentos de morte em que animais são percipientes.... 92

### **Sexta categoria**

Animais e fenômenos de assombração..... 100

#### **Primeiro subgrupo**

Animais que percebem coletivamente com o homem as  
manifestações de assombração ..... 100

#### **Segundo subgrupo**

Aparições de animais em locais assombrados ..... 113

<b>Sétima categoria</b>	
Materializações de animais .....	129
<b>Oitava categoria</b>	
Aparições de fantasmas de animais identificados .....	140
<b>Conclusões</b>	
À espera do veredicto da Ciência .....	167
<b>Apêndice</b>	
Obras de Ernesto Bozzano .....	178

## Razões para ler Ernesto Bozzano

---

*“Todos os seres da criação são filhos do Pai e irmãos do homem... Deus quer que auxiliemos aos animais, se necessitarem de ajuda.*

*Toda criatura em desamparo tem o mesmo direito à proteção”.*

*Francisco de Assis*

---

Um homem experimenta a solidão mesmo junto de outras pessoas – não há tristeza maior que a desses solitários –, mas quem desfruta a companhia de um animal de estimação jamais se sentirá só. Um cão alegre e diverte as crianças e se torna o esteio moral de idosos esquecidos pelos seus. Não é menos fascinante a companhia de um gato. Esses felinos são capazes de exprimir sentimentos e emoções – afeto, alegria, fome, sede, irritação, medo – de modo a sempre se fazerem compreender. Uma coincidência muito interessante é que nos gatos e nos seres humanos a parte do cérebro responsável pelas emoções é a mesma. No reino animal o quociente de inteligência do gato só é superado pelo de alguns símios, como os chimpanzés. Aliás, a estrutura cerebral do gato é mais semelhante à do homem do que a deste com a dos cães.

Há pelo menos quatro milênios, no Antigo Egito, os gatos já eram animais domésticos e, mais, objetos de uma adoração como se deuses fossem. Naquela época, matar um gato constituía crime punível com pena de morte.

Mais recentemente, o cientista alemão Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) escreveu que “o grau de civilização de um povo se mede pela forma com a qual trata os animais”; Léon Tolstoi (1828-1910), romancista russo, afirmou: “Maltratar animais é uma demonstração de covardia e ignorância”.

Embora não sejam dotados da capacidade de raciocinar – expressam apenas sentimentos e emoções – alguns animais são capazes de demonstrar afeto e fidelidade de uma forma tão sincera e permanente que enternecem alguns dos corações mais empedernidos. Certos cães protagonizaram, em todas as épocas, episódios inesquecíveis de heroísmo e dedicação a seus donos. A literatura registra – desde Esopo, na Grécia Antiga, a Ernesto Bozzano, nos tempos modernos – incontáveis casos em que animais desempenham papéis notáveis, muitas vezes de um modo misterioso e inexplicável.

Esta obra de Ernesto Bozzano – originalmente intitulada, em italiano, *Animali e Manifestazioni Metapsichici (Os Animais e as Manifestações Metapsíquicas)*, publicada em 1923 e traduzida neste volume sob o título *A Alma nos Animais* – apresenta uma criteriosa pesquisa em torno da fenomenologia paranormal envolvendo animais. Cerca de 130 casos foram analisados e classificados pelo autor com a máxima isenção, na medida do possível, deixando ao leitor a prerrogativa de tirar conclusões. Bozzano não oculta sua condição de espiritista, especialmente nos trechos finais do livro, mas administra sua exposição com exemplar elegância científica, sem tentar fazer do leitor um prosélito. A propósito, esta edição apresenta 29 notas explicativas, muitas das quais elaboradas com esse viés, qual seja o de contextualizar alguns conceitos eventualmente estranhos ao leitor.

Nascido em Gênova, Itália, no dia 9 de janeiro de 1862, onde também morreu, em 24 de junho de 1943, Bozzano interessou-se inicialmente, ainda na adolescência, pelo pensamento filosófico do inglês Herbert Spencer (1820-1903) e pela filosofia positivista do francês Augusto Comte (1798-1857), depois, até o fim da vida, em sentido diametralmente oposto, dedicou-se à pesquisa da fenomenologia metapsíquica: aparições, clarividência, levitação, psicomетria, materialização, telepatia, premonição, etc.. Concentrou-se, por fim, no estudo da “Ciência da alma”. Este é um de seus livros mais significativos, em que busca evidências a favor da tese da existência e sobrevivência da alma nos animais,

objetivo que perseguiu com persistência e a aplicação sistemática de metodologia científica.

Atualmente a bibliografia de Ernesto Bozzano está sob os cuidados da Fondazione Biblioteca Bozzano-De Boni, em Bolonha, Itália.

Caio Bastos Toledo

# Introdução

## As manifestações metapsíquicas e os animais

Assinala-se, com freqüência, que as manifestações metapsíquicas nas quais os homens aparecem como agentes ou percipientes são conhecidas desde há muito tempo por todos os povos. Ora, não se poderia dizer o mesmo para os fatos nos quais o papel de *agente* ou de *percipiente* é feito por animais.

Naturalmente, as manifestações metapsíquicas em que os protagonistas são animais podem ser circunscritas em limites de realização mais modestos do que nos casos em que os protagonistas são seres humanos. Esses limites correspondem às capacidades intelectuais das espécies animais em que os casos se produzem; no entanto, elas se mostram mais dignas de nota do que se poderia supor a princípio. Entre esses fenômenos encontram-se, de fato, episódios telepáticos nos quais os animais não fazem somente o papel de *percipiente*, mas também o de *agente*, episódios relativos aos animais que percebem, ao mesmo tempo que o homem, entidades e outras manifestações paranormais, fora de qualquer coincidência telepática; e, finalmente, episódios em que os animais percebem, tal qual o homem, as manifestações que se produzem em lugares assombrados. É necessário ainda acrescentar a essas categorias episódios de materialização de fantasmas animais, obtidos experimentalmente, e, por fim, aparições *post-mortem* de fantasmas animais *identificados*, situação esta que ostenta uma importância teórica respeitável, uma vez que ela fundamenta a hipótese da sobrevivência da alma nos animais.

A análise dessa ramificação dos fenômenos metapsíquicos foi completamente negligenciada até o momento, apesar de, nas revistas metapsíquicas e, sobretudo, nas coleções dos *Proceedings* e do *Journal* da excelente *Society for Psychical Research* de Londres, ser possível encontrar inúmeros casos desse tipo. Porém, esses casos nunca foram reunidos, classificados e estudados por ninguém; aliás, escreveu-se e discutiu-se bem pouco a

seu respeito. Portanto, não há muita coisa a ser resumida em relação às teorias que foram formuladas sobre esse assunto.

Destacarei somente que, nos comentários de certos casos isolados pertencentes à classe mais numerosa dos fenômenos em questão – aquela em que os animais percebem tal como o homem as manifestações de telepatia ou de assombração –, propõe-se a hipótese segundo a qual as percepções psíquicas dessa natureza seriam explicadas a partir de um fenômeno alucinatório criado pelos centros de idealização de um agente humano e em seguida transmitido inconscientemente aos centros homólogos do animal percipiente presente.

Para a outra categoria de fenômenos, e, mais precisamente, para aquela relativa às aparições de fantasmas de animais, supõe-se um fenômeno de alucinação puro e simples da parte do indivíduo percipiente. Porém, a análise comparada dos fatos mostra que freqüentemente os fantasmas animais são percebidos coletivamente e sucessivamente: eles se identificam, além disso, com os animais que viveram e morreram naquele local; e isto sem contar o fato de que os percipientes ignoravam que os animais vistos naquelas condições tivessem existido.

Desse modo, é necessário concluir que, de uma maneira geral, as duas hipóteses aqui apresentadas são insuficientes para dar conta dos fatos. Tal conclusão tem grande importância teórica, uma vez que nos leva a admitir a existência de uma subconsciência animal, depositária das mesmas faculdades paranormais existentes na subconsciência humana; ao mesmo tempo, ela nos leva a reconhecer a possibilidade de *aparições verídicas* de fantasmas animais.

Dessa conclusão se depreende todo o valor científico e filosófico desse novo ramo de pesquisa psíquica. Ela nos possibilita prever que em breve teremos que considerá-la se quisermos estabelecer a “Ciência da Alma” sobre bases sólidas, sem as quais tal Ciência pareceria incompleta e até mesmo inexplicável, tendo em vista a contribuição que nos fornece o exame analítico e as conclusões sintetizadas a respeito da “psique” – isto é, da alma – animal, o que demonstrarei no momento oportuno.

Desnecessário destacar que não pretendo de forma alguma que esta classificação – a primeira realizada sobre esse assunto – seja suficiente para analisar minuciosamente um tema tão vasto e de tamanha importância metapsíquica, científica e filosófica. Gabo-me unicamente de ter trazido uma primeira contribuição eficaz para as novas pesquisas e de ter, dessa forma, despertado o interesse das pessoas que se dedicam a esses estudos, favorecendo assim a acumulação futura de material bruto dos fatos, o que parece imprescindível para a realização das pesquisas sobre este ramo das doutrinas metapsíquicas.

Finalmente, se quisermos indicar qual a data em que se começou a levar a sério as manifestações metapsíquicas dos animais, seria necessário remontar a um comentado incidente de telepatia canina do qual Lord Henry Rider Haggard,<sup>1</sup> o famoso romancista inglês, foi o percipiente; tal incidente se produziu em condições tais que seria impossível pô-lo em xeque. Após uma dessas condições providenciais de tempo, de lugar e de contexto, que se encontram com frequência no início da história dos novos ramos da ciência, esse acontecimento suscitou na Inglaterra um interesse inesperado, quase exagerado: os jornais políticos dele se apossaram e o discutiram extensamente, assim como as revistas de variedades e as revistas metapsíquicas, determinando assim um ambiente favorável às novas pesquisas.

Portanto, é oportuno iniciar a classificação das “manifestações metapsíquicas nos animais” pelo caso de telepatia no qual o percipiente foi o escritor Henry Rider Haggard.

# Primeira categoria

## Alucinações telepáticas em que o animal é o agente

**Caso 1** (Em sonho, com indício provável de possessão)

É o caso do escritor Henry Rider Haggard, que me contentarei em relatar com grande exatidão tal qual ele foi apresentado na edição de julho de 1904 da *Revue des Études Psychiques*, remetendo o leitor que desejar informações mais detalhadas ao número de outubro de 1904 do *Journal of the Society for Psychical Research*.

“O senhor Haggard narra que ele tinha se deitado tranquilamente, por volta de uma hora da madrugada do dia 10 de julho. Uma hora depois, a senhora Haggard, que dormia no mesmo quarto, ouviu seu marido gemer e emitir sons desarticulados, “tal qual um animal ferido”. Preocupada, ela o chamou. O senhor Haggard percebeu uma voz como se ela viesse de um sonho, mas não conseguiu se livrar de imediato do pesadelo que o oprimia. Quando ele acordou completamente, contou a sua mulher que tinha sonhado com Bob, o velho perdigueiro de sua filha mais velha, e que o viu se debatendo numa luta terrível, como se fosse morrer.

O sonho teve duas partes distintas. Na primeira, o romancista se lembra somente de ter experimentado uma sensação de opressão, como se estivesse a ponto de se afogar. Entre o momento em que ele ouviu a voz de sua mulher e aquele em que recuperou a consciência, o sonho adquiriu uma forma mais definida.

“Eu vi – disse o senhor Haggard – o bom e velho cão estendido sob as plantas de um pântano. Parecia-me que minha própria personalidade saía misteriosamente do corpo do cão, o qual levantava sua cabeça em direção ao meu rosto de um modo estranho. Bob se esforçava como se desejasse falar comigo e, não conseguindo se fazer entender pela voz,

transmitia-me, de maneira incompreensível, o sinal de que ele estava morrendo.”

O senhor e a senhora Haggard adormeceram novamente, e o romancista não teve mais seu sono perturbado. Pela manhã, enquanto tomava seu desjejum, ele contou à sua filha o que tinha sonhado, e riram juntos do medo que sua mãe tinha sentido: ele justificava o pesadelo com a má digestão. Quanto a Bob, ninguém se preocupou porque, na noite anterior, ele fora visto com os outros cães da vila e tinha acompanhado sua dona como de costume. Foi somente a ausência de Bob na hora do almoço cotidiano que fez com que a senhora Haggard começasse a sentir alguma inquietude, e também fazer com que o senhor Haggard suspeitasse de que se tratava de um sonho verdadeiro. Iniciaram-se assim ativas buscas que duraram quatro dias, ao termo dos quais o próprio senhor Haggard encontrou o pobre cão boiando sobre a água do pântano, a dois quilômetros da vila, com o crânio dilacerado e duas patas fraturadas.

Um exame inicial feito pelo veterinário deu a entender que o pobre cão tinha sido vítima de uma armadilha; mas, em seguida, foram encontradas provas indiscutíveis de que o cachorro fora atingido por um trem sobre a ponte que atravessava o pântano, e que tinha sido lançado, pelo impacto, entre as plantas aquáticas.

Na manhã de 19 de julho, um funcionário da estrada de ferro tinha encontrado sobre a ponte a coleira ensangüentada de Bob; não restava então nenhuma dúvida de que o cachorro realmente morrera na noite do sonho. Por acaso, naquela noite, tinha passado, um pouco antes da meia-noite, um trem extraordinário de passeio, que certamente fora a causa do acidente.

Todas essas circunstâncias puderam ser comprovadas pelo romancista graças a uma série de documentos.

Conforme o veterinário, a morte teria sido quase instantânea; ela teria acontecido duas horas antes do sonho do senhor Haggard.”

Assim se passou, em suma, o caso do escritor inglês em que se ligam várias circunstâncias de fatos que corroboram para a exclusão categórica de qualquer outra explicação que não seja a de transmissão telepática direta entre o animal e o homem.

Não se poderia tratar, de fato, de uma impulsão telepática proveniente da inteligência de uma pessoa presente e isto por diversas razões: ninguém tinha assistido ao drama nem foi sobre ele informado; a descoberta foi resultado da investigação feita pelo próprio Haggard; e, finalmente, devido à hora avançada da noite em que o fato aconteceu.

Não poderia ser um pesadelo alucinatório costumeiro, com fortuita coincidência, uma vez que as circunstâncias verídicas que encontramos na visão são realmente bastante numerosas, sem falar da própria coincidência entre o sonho e a morte do animal.

A hipótese de que se tratava de um caso de telestesia – no qual o drama teria sido pressentido a distância pelo romancista – pode ser descartada, visto que para isso o percipiente deveria, ao contrário do que realmente se passou, permanecer passivo. Como se pode ver, ele foi submetido a um fenômeno notável de “personificação” ou de “possessão”. Esse fenômeno – assim como foi observado pelo editor do *Journal of the S. P. R.* – propicia um paralelo interessante com as “personificações” e as “dramatizações”<sup>2</sup> observadas com freqüência pelos sensitivos ou médiuns em estado de transe.

Finalmente, não se poderia tratar também de um sonho premonitório através do qual Haggard teria pressentido o acontecimento, não no momento em que ele se passava, mas na circunstância da descoberta do cadáver do animal no pântano, que aconteceu alguns dias depois; com efeito, com essa solução não podemos explicar nada; nem o fato da coincidência verídica entre a experiência onírica e o acontecimento, nem o fenômeno da dramatização também verídica, nem o caso, tão notável, de “personificação” ou de “possessão”.

Estas são as principais considerações que contribuem para provar de maneira incontestável a realidade do fenômeno de

transmissão telepática direta entre o animal e o homem. Acredito tê-las enumerado a fim de responder a algumas objeções que vieram de todos os lados, depois que a *Society for Psychical Research* acolheu e analisou o caso em questão.

Igualmente, as mesmas considerações poderão servir de regra ao leitor para julgar o valor da hipótese telepática relativa aos casos que se seguem.

## **Caso 2** (Em sonho – 10 de fevereiro de 1885)

Recolhi este episódio do *Journal of the S. P. R.* (vol. II, pág. 22), onde foi relatado por E. W. Phibbs:

“Na primeira segunda-feira de agosto de 1883 (férias do comércio) encontrava-me em Ilfracombe. Por volta das 22 horas fui me deitar e adormeci rapidamente. Fui acordado às 22:30 por minha mulher, que estava entrando no quarto. Contei-lhe que acabara de sonhar com meu velho cão Fox estendido, machucado e agonizante, ao pé de um muro. Não possuía uma idéia exata a respeito do local; apesar disso, notei que se tratava de um desses “muros secos” bem característicos da região do condado de Gloucester. Inferi que o cão devia ter caído de um daqueles muros, mais ainda porque ele tinha o costume de escalá-los. No dia seguinte, recebi de minha casa (em Barton End Grange, Nailsworth) uma carta escrita por minha empregada, que me advertia que Fox não aparecia há dois dias. Respondi-lhe rapidamente, pedindo-lhe para realizar buscas mais minuciosas. No domingo, recebi uma carta que tinha sido escrita no dia anterior e na qual me informavam que o cão fora atacado e morto por dois cães buldogues, na noite da última segunda-feira.

Retornei a minha casa 15 dias depois e iniciei rapidamente uma investigação, donde constatei que na referida segunda-feira, por volta das 17 horas, uma mulher tinha visto dois buldogues atacarem e dilacerarem ferozmente meu cão. Outra mulher, que morava não muito longe dali, disse que por volta das 21 horas encontrara meu cão agonizando ao pé de um muro que ela me mostrou e que eu via pela primeira vez.

No dia seguinte, pela manhã, o cão tinha desaparecido. Soube em seguida que o dono dos buldogues, ao saber o que se passara e temendo as conseqüências, teve o cuidado de enterrá-lo por volta das 22:30 da mesma noite. A hora do acontecimento coincidia com a do meu sonho.”

O caso que acabamos de ler foi citado inúmeras vezes pelo professor Charles Richet ao longo de seu *Traité de Métapsychique*,<sup>3</sup> no intuito de demonstrar que ele poderia ser explicado a partir da “criptestesia”,<sup>4</sup> não sendo necessário, portanto, supor um fenômeno de telepatia em que o animal teria feito o papel de agente e seu dono o de percipiente. Richet afirma: “É muito mais sensato supor que foi *a noção desse fato* que acometeu seu espírito, ao invés de admitir que a alma de Fox tivesse ido perturbar o cérebro do senhor Phibbs” (pág. 330).

Com a expressão “a noção desse fato”, o senhor Richet remete à sua hipótese de “criptestesia”, segundo a qual as coisas existentes, assim como a ocorrência de qualquer ação nos mundos animado ou inanimado, liberariam vibrações *sui generis* perceptíveis aos sensitivos, os quais, dessa maneira, estariam teoricamente em condições de conhecer tudo aquilo que se passa, se passou ou se passará no mundo inteiro.

Respondi a essa hipótese num longo artigo publicado na *Revue Spirite* (1922, pág. 256), no qual contestava essa suposta onisciência das faculdades subconscientes, demonstrando através da análise dos fatos que as faculdades em questão eram, ao contrário, condicionadas – e, portanto, limitadas – pela necessidade absoluta da “relação psíquica”, ou seja, se não existisse previamente algum laço afetivo, ou, em casos mais raros, relações de simples conhecimento entre o agente e o percipiente, as manifestações telepáticas não se poderiam realizar. Em seguida, referindo-me ao caso em questão, eu segui dizendo:

“Se ignorarmos que o pensamento do cão, voltado com intensa ansiedade para seu protetor ausente, foi o agente determinante do fenômeno telepático, ou, em outros termos, se ignorarmos que o fato pôde se realizar graças à existência de uma “relação afetiva” entre o cão e seu dono, então não po-

demos nos impedir de nos indagar: Por que o senhor Phibbs viu, exatamente naquela noite, seu cão padecendo e não viu os outros animais que, ao longo daquela mesma noite, agonizavam um pouco em toda parte? Impossível responder a essa questão de outra forma que não seja a que reconhece que o senhor Phibbs não viu os animais morrendo no matadouro nem alhures porque nenhuma relação psíquica, qualquer que fosse, existia entre ele e aqueles animais: ele viu, ao contrário, a agonia de seu cão porque existiam laços afetivos entre ele e o animal e porque, naquele instante, o animal agonizante voltava intensamente seu sentimento para seu protetor ausente; circunstância esta que não tem nada de inverossímil e que é, ao contrário, bem provável no caso de um pobre animal morrendo e com uma urgente necessidade de assistência.”

Concluo que o fundamento de tais deduções permanece incontestável. De qualquer forma, nossos leitores encontrarão na presente classificação inúmeros exemplos de diferentes tipos, os quais, além de confirmar largamente minha maneira de enxergar, contradizem a hipótese de uma “criptestesia” onisciente.

### **Caso 3 (Em sonho)**

Retiro o caso seguinte do livro de Camille Flammarion *L'Inconnu et les Problèmes Psychiques*, pág. 413; relatado pela senhora R. Lacassagne (nascida Durant), de Castres, França:

“Permito-me ainda citar um fato pessoal que se passou e que muito me surpreendeu; porém, como dessa vez trata-se de um cão, talvez não tenha o direito de abusar do tempo dos senhores. Desculpo-me indagando-me em que ponto os problemas terminam.

Era ainda uma menina e possuía freqüentemente em sonho uma lucidez surpreendente. Tínhamos uma cachorra de uma inteligência pouco comum; eu era particularmente apegada a ela, embora a acariciasse bem pouco. Numa noite, sonhei que ela morreu e que me olhava com olhos humanos. Ao despertar, disse à minha irmã: “Lionne morreu; eu sonhei;

tenho certeza”. Minha irmã riu e não acreditou em mim. Nós chamamos a empregada e pedimos-lhe que chamasse a cadeira. Nós a chamamos, mas ela não veio. Nós a procuramos por toda parte e, finalmente, encontramos-la morta num canto. Ora, à véspera, ela não estava de forma alguma doente, e meu sonho não tinha sido provocado por nada.”

Neste caso, a hipótese mais verossímil é também a de que o animal agonizante tenha voltado ansiosamente seu sentimento para sua dona, provocando assim a impressão telepática percebida por ela em sonho. Entretanto, esse episódio é bem menos provável que aquele que o precede; tanto mais porque dessa vez não temos detalhes que permitam eliminar a outra hipótese, ou seja, a de um possível fenômeno de clarividência<sup>5</sup> em sonho.

#### **Caso 4 (Impressão)**

Eu o extraio da revista *Light*, de Londres, Inglaterra (1921, pág. 187). O narrador é o senhor F. W. Percival, que escreveu:

“O senhor Everard Richard Calthrop, importante criador de cavalos puro-sangue, em seu recente livro intitulado *The Horse as Comrade and Friend* (Edição Hutchinson & Co, 242 págs., 1920), conta que há alguns anos ele possuía uma magnífica égua chamada “Windemers”, à qual ele era profundamente apegado; a égua lhe retribuía tal afeto com um efetivo transporte, o que dá ao presente caso um caráter realmente comovente. O destino quis que a égua se afogasse num pântano próximo à fazenda do senhor Calthrop, e ele expôs assim as impressões que teve naquele trágico momento:

“Às 3:20 da manhã do dia 18 de março de 1913, acordei de um sono profundo num ímpeto, não por causa de algum barulho ou relinchar, mas por causa de um chamado de ajuda que transmitia – não compreendi de que maneira – minha égua “Windemers”. Eu escutei e não se ouvia sequer um som na noite calma; assim que fiquei completamente acordado, senti vibrar em meu cérebro, em meus nervos, o chamado desesperado de minha égua; soube que ela estava di-

ante de um enorme perigo e invocava um auxílio imediato. Vesti um sobretudo, calcei minhas botas, abri a porta e me pus a correr no parque. Não ouvia os relinchares nem as queixas, mas sabia, de uma maneira incompreensível e prodigiosa, de que lado vinha esse sinal de “telégrafo sem fio”, embora o mesmo enfraquecesse rapidamente. Assim que saí, dei-me conta, com espanto, de que o sinal vinha do lado do pântano. Corria, mas sentia que as ondas vibratórias do “telégrafo sem fio” ressoavam cada vez menos em meu cérebro; quando cheguei à beira do pântano, elas tinham cessado. Ao olhar as águas, percebi que elas estavam ainda sendo remexidas por pequenas ondas concêntricas que vinham até a margem; no meio do pântano notei uma massa negra que se definia de maneira sinistra com a primeira claridade da aurora. Compreendi rapidamente que lá estava o corpo da minha pobre “Windemers” e que, infelizmente, eu tinha respondido muito tarde ao seu chamado: ela estava morta.”

O senhor F. W. Percival, ao reproduzir esse relato na *Light* (1921, pág. 187), ressaltou:

“Realmente, em casos como estes, não há o testemunho do agente; porém, isto não impede que as três regras de Fredrich W. H. Myers – elaboradas para distinguir os casos telepáticos<sup>6</sup> daqueles que não o são – sejam, de qualquer forma, aplicáveis ao caso em questão. As três regras são as seguintes:

- 1) que o agente tenha se encontrado em uma situação excepcional (neste caso, o agente lutava contra a morte);
- 2) que o receptor tenha sentido/experimentado algo psiquicamente excepcional, inclusive uma sensação de que o agente era conhecido (neste caso, a impressão que revela o agente é manifesta);
- 3) que os dois incidentes coincidam do ponto de vista temporal (esta condição é também observada).”

Poderíamos acrescentar que o impulso telepático foi pontual e intenso o bastante a ponto de despertar o percipiente de um sono

profundo, de fazê-lo imediatamente perceber que se tratava de um pedido de socorro de sua égua e de orientar seus passos, sem nenhuma hesitação, em direção ao local onde o drama se passava. Assim sendo, não me parece que seja possível colocar em dúvida o caráter realmente telepático do acontecimento.

## **Caso 5**

Encontrei-o no *Journal of the S. P. R.* (vol. XII, pág. 21).

A senhora Carbery, mulher de Lord Carbery, enviou do castelo de Freke, condado de Cork, o seguinte relato, datado de 23 de julho de 1904:

“Ao longo de uma quente tarde de domingo, no verão de 1900, após o almoço me preparava para uma de minhas visitas costumeiras às cocheiras, a fim de distribuir açúcar e cenouras para os cavalos; entre os animais, havia uma égua amedrontada e nervosa chamada Kitty, de quem eu gostava muito. Uma forte simpatia existia entre nós. Montava nela em todas as manhãs antes do almoço, fizesse chuva ou Sol. Eram passeios tranquilos e solitários pelas colinas que beiravam o mar, e sempre me parecera que Kitty se divertia, como eu, com esses passeios no frescor da manhã.

Na tarde em questão, ao sair da cocheira, fui sozinha ao parque, percorri uns 400 metros e em seguida me sentei à sombra de uma árvore com um livro muito interessante; minha intenção era ficar ali por aproximadamente duas horas. Após vinte minutos, um influxo de sensações terríveis veio se interpor entre mim e minha leitura; ao mesmo tempo, eu tinha certeza de que algo penoso tinha acontecido com minha égua Kitty. Tratei de afastar essa impressão, continuando com minha leitura, mas ela aumentou de tal maneira que fui obrigada a fechar meu livro e me dirigir às cocheiras. Chegando lá, fui rapidamente ao boxe de Kitty; eu a encontrei estendida no chão, agonizando e necessitando de socorro urgente. Fui imediatamente procurar os cocheiros, que estavam em outra parte afastada do local; eles se apressaram em prestar ao animal os cuidados necessários. Foi grande a sur-

presa deles ao me ver aparecer na cocheira pela segunda vez, uma circunstância absolutamente insólita.”

O cocheiro que prestou os cuidados à jumenta naquela ocasião confirmou assim esse relato:

“Na época eu era cocheiro no castelo de Freke e Lady Carbery veio durante a tarde distribuir, como de costume, açúcar e cenouras aos cavalos. Kitty estava solta em seu boxe e completamente saudável. Logo depois, voltei para meus aposentos e os empregados da cocheira subiram para seus quartos. Fiquei surpreso ao ver, meia hora ou quarenta e cinco minutos depois, a senhora voltar e nos pedir para prestar socorro a Kitty, que estava estendida no chão, acometida por uma dor repentina. Nesse meio tempo, nenhum de nós tinha entrado nas cocheiras.”

Edward Nobbs

O segundo relato é menos impressionante do que o primeiro: a impressão telepática sentida pela senhora Carbery foi também menos precisa; todavia, tal impressão foi forte o bastante para convencer a percipiente de que as sensações que ela experimentava indicavam que a égua Kitty tinha uma urgente necessidade de socorro e para fazê-la imediatamente ir ao encontro do animal. Ora, estas circunstâncias de natureza excepcional e com uma significação precisa e sugestiva são suficientes para permitir uma conclusão a favor do caráter telepático do caso em questão.

### **Caso 6 (Impressão)**

Este caso foi publicado na revista *Light* (1915, pág. 168). O senhor Mildred Duke, conhecido sensitivo e autor de artigos aprofundados sobre assuntos metapsíquicos, narrou o seguinte fato que ocorreu com ele:

“Há alguns dias, demorei-me escrevendo até tarde da noite, absorvido pelo assunto do qual tratava, quando fui literalmente invadido pela sensação de que minha gata precisava de mim. Tive que me levantar e ir procurá-la. Após ter inutilmente revirado a casa, fui até o jardim e, como a escu-